

RODOLFO WALSH, NOTA DE RODAPÉ (1967)

Laura Tallone
Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto
Portugal
lauratal@iscap.ipp.pt

Nota de Rodapé

In Memoriam Alfredo de León
† *circa* 1954

Não há dúvida que León quis que Otero viesse vê-lo, nu e morto sob o lençol, e por isso escreveu o seu nome no envelope e meteu no envelope a carta que talvez explique tudo. Otero veio, e olha em silêncio para o óvalo da cara coberta como uma adivinha absurda, mas por enquanto não abre a carta porque quer imaginar a versão que o morto lhe daria se pudesse sentar-se do outro lado da secretária e falar como falaram tantas vezes.

Um sossego de tristeza purifica a cara do homem alto e grisalho que não quer ficar, não quer ir embora, não quer admitir que se sente traído. Mas é isso exactamente o que sente. Porque de repente parece-lhe que não se tinham conhecido, que não tinha feito nada por León, que não tinha sido, como ambos reconheceram tantas vezes, uma espécie de pai, para não dizer um amigo. De qualquer forma veio e é ele e não um outro que diz:

- Quem havia de dizer,

E ouve a voz de dona Berta que olha para ele com os seus olhos azuis deslavados e secos na cara larga sem sexo nem memória nem impaciência, murmurando que está a chegar o comissário e porque não abre a carta. Mas não a abre embora imagine o tom geral de lúgubre desculpa, a sua primeira frase de adeus e de lamento.*

* *Lamento deixar inacabada a tradução encomendada pela*

Porque não ganham com isso nem uma ínfima parte do que ambos teriam ganho a conversar e tem de repente a confusa sensação de que tudo é dirigido contra ele, que a vida de León nos últimos tempos tendia a torná-lo na testemunha perplexa da sua morte. Porque, León?

Não é um prazer estar aí sentado neste quarto que não conhecia, junto à janela que filtra uma luz ultrajada e poeirenta sobre a mesa de trabalho onde reconhece o último romance de Ballard, o dicionário de Cuyás editado por Appleton, a meia folha manuscrita onde uma sílaba final treme e enlouquece até explodir num borrão de tinta. Com certeza León achava que com isso já cumprira e certamente o homem grisalho e triste que olha para ele não vem para lhe recriminar o trabalho interrompido nem para pensar quem poderá continuá-lo. Vim, León, para aceitar a ideia da sua morte inesperada e para o pôr em paz com a minha consciência.

De repente o outro tornou-se misterioso para ele como ele se tornou misterioso para o outro e não deixa de ser irónico que ignore até a forma que escolheu para se matar.

- Veneno – responde a velha, que continua tão quieta no seu assento, embrulhada em suas malhas cinzentas e pretas.

E entrelaça as mãos e reza em voz baixa sem chorar nem sequer sofrer, salvo dessa forma geral e abstracta em que tantas coisas a afligem: a passagem do tempo, a humidade dos muros, os buracos nos lençóis e os supérfluos hábitos de que é feita a sua vida.

Há um rectângulo de sol e de roupa estendida no pátio, sob a perspectiva de andares com varandas de chapas de ferro donde emerge incongruente um espanador que se mexe sozinho numa nuvenzinha de pó, um turbante sem dona atravessa e um velho espreita, olha para fora e cospe.

Otero vê isto tudo como num instantâneo, mas é outra a imagem que quer formar-se na sua mente: o rosto fugidio, o carácter do homem que por mais de dez anos trabalhou para ele e para a Casa. Porque nunca se pode viver com os mortos, é preciso matá-los no nosso interior, reduzi-los a imagem inócua, para sempre segura na neutra memória. Uma mola dispara, uma cortina fecha-se, e já passámos sobre eles juízo e sentença e uma suave camada de olvido e perdão.

A velha parece embalar o espaço vazio que as suas mãos medem.

- Sempre pagava certinho,

O resto não coloca dificuldades e espero que a Casa encontre quem o faça. Infelizmente, tive que passar por cima das suas últimas recomendações.

e a memória do morto surge em insípidas lembranças: o pouco que comia e o barulho que fazia à noite a escrever e como depois ficou doente, se tornou triste e esquivo e já não queria sair do quarto.

- Depois ficou doido.

Otero quase sorri ao ouvir a palavra. Agora era fácil dizer que León tinha acabado louco e o inquérito talvez dissesse isso. Mas ninguém viria a saber contra o quê tinha endoidecido, embora os seus desvarios estivessem à vista de todos.

Assim, nos últimos meses, cismava em escrever à mão argumentando vagos contratempos com a máquina e ele permitiu-lho apesar dos protestos da imprensa, como deixou passar outras coisas porque sentia que não eram dirigidas contra ele, que faziam parte da luta do suicida contra algo indecifrável.

Nalguma gaveta da secretária devia estar ainda essa página que apareceu intercalada no último trabalho de León. Não tinha mais do que uma palavra – merda –, repetida do princípio ao fim com letra de sonâmbulo.

A mulher indaga quem vai pagar os custos do funeral e o homem responde:

- A Casa.

Não consegui resgatar a máquina de escrever, portanto esse texto, como o anterior, chegar-lhe-á manuscrito. Fiz a letra tão clara quanto possível e espero que não se irrite muito comigo, dadas as circunstâncias.

que deve ser a empresa onde trabalhava León.

Uma vez esclarecido este assunto, sente-se mais descansada e leva um lenço aos olhos e enxuga um magro fio de lágrimas, em parte por León, que no fim de contas era pobre e não incomodava, em parte por ela, por todas as coisas que nela morreram em tantos anos de solidão e de duro trabalho entre homens mesquinhos e rudes.

O olhar de Otero vagueia entre as palmeiras cinzentas de um enorme oásis onde bebem os camelos. Mas é só uma palmeira, repetida até ao infinito no papel da parede, um só camelo, uma só pocinha, e o rosto do morto embosca-se entre os arcos da ramagem, olha para ele com o olhar sedento da fera, dissolve-se finalmente deixando-lhe o ressaibo de um piscar de olhos, o ressentimento de uma troça. Otero abana a cabeça na sua necessidade de não ser distraído, de recuperar a verdadeira cara de León, a boca enorme, os olhos, negros?, enquanto no hall a voz do funcionário que telefona e diz “Conservatória”, e desliga e marca e pergunta, “Conservatória?”, e desliga e passeia-se com as mãos às costas, entre lúgubres cabides e vasos de bronze.

Lembra-se da sinusite que tive há dois meses? Parecia uma coisa de nada, mas depois as dores não me deixavam dormir. Tive que chamar um médico e assim, com medicamentos e tratamentos, foram-se os poucos pesos que ainda tinha.

Talvez o gesto de León quisesse dizer que a sua vida era dura e não é fácil contradizê-lo ao ver as paredes do seu quarto sem um só quadro, o fato de flanela de inverno e verão pendurado no espelho do guarda-fatos, os homens em camiseta interior que esperam a sua vez à porta da casa de banho.

Mas que vida é que não é dura e quem senão ele escolheu essa fealdade que nada explicava e que provavelmente ele não via.

Quiçá não era o momento de pensar nestas coisas, mas que desculpa teria se perante a morte não fosse tão sincero como tinha sido sempre. Foi sincero o suicida com ele? Otero suspeita que não. Desde o início que detectou sob a sua aparência de jovialidade essa ponta de melancolia que se delineava como o traço essencial do seu carácter. Falava muito e ria demasiado, mas era um riso azedo, uma alegria estragada e Otero muitas vezes perguntava-se se muito lá no fundo, passando despercebido até para León, não havia nisso tudo um resquício de troça perversa, uma subtil complacência com a desgraça.

- Não tinha amigos – diz a velha -. Isso é cansativo.

Foi por isso que penhorei a máquina. Acho que já lbe contei isto, mas nos doze anos em que trabalhei para a Casa, para mútua satisfação, sempre tentei ser cumpridor, com os reparos que farei mais adiante. Este trabalho é o primeiro que deixo incompleto, isto é inacabado. Sinto muito, mas não posso mais.

O visitante já não a ouve. Adentra em caminhos de antiga memória, à procura da imagem perdida de León. E encontra-o sempre curvado, pequeno, com esse ar de pássaro, debicando palavras em longas páginas, amaldiçoando correctores, refutando academias, inventando gramáticas. Mas é ainda uma cara sorridente, a cara do tempo em que amava o seu ofício.

Fazia falta alguma perspicácia para adivinhar um potencial tradutor naquele rapaz vindo de uma bomba de gasolina – ou era uma oficina? –, com o seu castelhano razoável e um inglês trabalhoso pesquisado por correspondência. Descobriu aos poucos que traduzir era diferente do que conhecer duas línguas: um terceiro domínio, uma instância nova. E depois o segredo mais duro de todos: apagar a própria personalidade, passar despercebido, escrever como um outro sem que ninguém repare.

- Não entres – diz a velha.

Otero põe-se de pé, recebe a chávena que lhe dá a rapariga, senta-se e toma o café.

Cento e trinta páginas a cem pesos à página, são treze mil pesos. Seria muito incómodo que os entregasse à dona Berta? Dez mil pesos pagam a renda do quarto até ao final do mês. Receio que o resto não chegue para as despesas que irão produzir-se. Talvez resgatando a máquina e vendendo-a se arranje mais algum. É uma máquina muito boa, eu gostava muito dela.

Outra lufada amável do tempo passado ilumina o seu rosto: a expressão admirada de León naquela manhã em que viu o primeiro romance traduzido por ele. No dia seguinte apareceu com uma gravata nova e ofereceu-lhe um exemplar com dedicatória: testemunho de certa inata lealdade. Outros passaram pela Casa, aprenderam o pouco ou o muito que sabiam e foram embora por mais uns trocos. Mas León em alguns momentos, por acaso em muitos momentos, chegou a intuir a missão da Casa, captou inconscientemente o sacrifício que envolve editar livros, alimentar os sonhos das pessoas e construí-lhes uma cultura, até contra eles próprios.

Em cima da mesinha de cabeceira o despertador começa a tocar trepidando sobre os seus pés de níquel, e à beira dele treme uma foto na moldura, a efigie impudica e plebeia de uma rapariga a morrer de riso e também dança o vestido de flores, as largas ancas.

- Mulheres?

- Já não – e o relógio tem outra crise de alarme, a foto outro ataque de dança e de riso.

O único defeito é o teclado de plástico, que fica gasto, mas, regra geral, creio que já não se fazem máquinas como a Remington 1954.

Deixo também alguns livros, embora não ache que possam render muito. Há outras coisas, um rádio, um aquecedor. Rogo-lhe que combine os pormenores com dona Berta. Como o senhor sabe, não tenho familiares nem amigos, para além dos da Casa.

Otero suspira, confessa ter perdido no tempo o dia em que León começou a ser outro, o ponto da Série Escarlata, o volume da Coleção Andrómeda (alinhados na única prateleira como um calendário secreto), quando este homem disse não, esquecendo até o orgulho infantil que lhe provocavam as suas obras:

- Aposto que não sabe quantas entradas tenho na Biblioteca Nacional – a cabeça já quase calva metida entre as lapelas do fato.

- Quantas, León?

- Sessenta. Mais do que Manuel Gálvez.

- Magnífico.

- Pst. Falta metade.

Ou então:

- Esta tradução é única. Menos mil palavras do que o original.

- Contou-as?

O riso zombador:

- Uma a uma.

Sinto muito abusar da sua confiança nesta forma, vir modificar no último momento uma relação tão cordial, tão frutífera de certo modo. Aquando o episódio da máquina, por exemplo, pensei que se eu pedia um adiantamento, a Casa não recusaria. Mas em doze anos nunca o tinha feito, imaginei que talvez o senhor olharia para mim de um modo peculiar, que qualquer coisa mudaria entre nós, e no fim, não me decidi.

É preciso admitir que nos últimos tempos não recebia León com prazer. Inundava-lhe o escritório com problemas, perguntas e lamentações que por vezes nada tinham a ver com ele, mas com coisas gerais, os bombardeios no Vietname ou os negros do Sul, temas sobre os quais não gostava de falar, ainda que tivesse ideias formadas. Claro que León acabava por fazer crer que concordava, mas no fundo era fácil perceber que não e essa impostura não se ganhava sem mútuas violências. Quando ia embora sentia vontade de varrer com uma vassoura todo esse refugio de tristeza, de desculpas. O que se passava, León?

- Não sei – a voz quebrada -. O mundo está cheio de injustiça.

Da última vez, Otero mandou a secretária recebê-lo.

Gostava que o senhor ficasse com o Appleton. É uma edição um bocado antiga e está bastante amarrotada, mas não tenho mais nada com que expressar os meus sentimentos pelo senhor. Desenvolve-se uma singular intimidade com os objectos de uso quotidiano. Creio que ultimamente o conhecia quase de cor, embora não deixasse por isso de o consultar, sabendo, em cada caso, aquilo que encontraria e as palavras que de antemão é inútil procurar. Talvez o senhor sorria se lhe confessar que, literalmente, eu falava com Mr. Appleton.

É inútil de qualquer forma lembrar-se desse pequeno episódio, contrastá-lo com o permanente interesse que demonstrou pelas coisas de León, mesmo por detalhes triviais:

- Este mês traduziu dois livros. Por que não muda de fato?

Era o mesmo que pedir-lhe que mudasse de pele e Otero abandonou o projecto secreto de um dia convidá-lo para almoçar, apresentá-lo ao gerente, oferecer-lhe um emprego fixo na Casa. Decidiu deixá-lo na sua indolência, os seus vagos devaneios, as horas de ócio que geram ideias doentias, chegando a invejá-lo porque podia acordar a qualquer hora do dia, decretar-se um dia de folga, enquanto ele se desvelava com os remotos planos da Casa. Talvez a sua bondade fosse mal direccionada, quiçá não devia permitir que León se confrontasse sozinho com as fantasias de uma inteligência que – é preciso admitir – não era demasiado vigorosa.

Eu dizia por exemplo:

- *Mr. Appleton, que significa chipmunk?*

- *Tâmia.*

- *Ah. E basking shark?*

- *O mesmo que sunfish.*

- *Tudo bem, mas que quer dizer sunfish?*

- *Carago.*

- *Não lhe permito.*

- *Oh, não leve a mal. Pode traduzi-lo como peixe-frade.*

- *Assim é melhor. Obrigado.*

Mas é difícil estabelecer o limite dos próprios deveres com o outro, invadir a sua liberdade para o ajudar. E qual pretexto invocar? Uma ou duas vezes por mês León vinha, entregava o seu molho de páginas, recebia, ia embora. Ele podia, por acaso, fazê-lo parar e dizer-lhe que a sua vida estava errada? Nesse caso, não devia fazer o mesmo com a meia centena de empregados da Casa?

Otero põe-se de pé, caminha, espreita pela porta do hall, pela luz cegante do pátio, ouve o barulho que o morto talvez ouvia: metais, torneiras, vassouras. Como se nunca tivesse existido, porque nada se detém. A sopa na panela, o canário na gaiola – esse cantar impávido numa floresta de chapas – e a voz da velha a dizer que são já onze horas e oxalá o comissário esteja a chegar.

Engraçado, não é? Chega-se a saber como se diz uma coisa em duas línguas, e até de diferentes formas em cada língua, mas não se sabe o que é a coisa.

Nos domínios da Zoologia e da Botânica, passaram pelas minhas páginas rebanhos inteiros de animais misteriosos, floras espectrais. O que será um bowfin?, perguntava-me antes de o largar a navegar pelo rio Mississípi, e imaginava-o levando grandes antenas com uma luz em cada extremo deslizando-se na névoa subaquática. Como será que canta um chewink? E ouvia as notas de cristal subindo irrefreáveis no silêncio de uma floresta milenária.

Por um momento o visitante partilha esse desejo, porque muitas coisas o aguardam no escritório, orçamentos por resolver e cartas para responder e até uma chamada de longa distância, para não falar do almoço com Laura, a sua esposa, a quem terá que contar o que aconteceu. Mas antes deve saber como era León e porque se matou: antes que o comissário chegue e levante o lençol e lhe pergunte se isso que aí estava era León.

Talvez o mistério estivesse na sua infância, em velhas memórias de humilhação e de pobreza. Alguma vez lhe disse que não conheceu os pais? Talvez por isso se sentisse despojado e já não fosse capaz de amar a ordem do mundo. Mas para além desse incidente fortuito, que ele com certeza exagerava, ninguém o tinha despojado.

Nunca esqueci que lhe devo a si a descoberta de todo esse mundo novo. A tarde em que descí as escadas da Casa, apertando contra o peito o primeiro romance cuja tradução me encomendou, provavelmente apagou-se da sua memória. Na minha é sempre luminosa, rosada. Lembro-me, veja lá, que tinha medo de extraviar o livro, agarrava-o com as duas mãos, e a tranvia 48 que se embrenhava no crepúsculo pela calle Independencia, parecia-me mais lenta do que nunca: queria penetrar quanto antes na nova matéria da minha vida. E até esse bairro de casas baixas e largas ruas de paralelos se afigurava belo pela primeira vez.

A Casa sempre foi justa com ele, por vezes generosa. Quando dois anos atrás, sem qualquer obrigação, decidiu dar um subsídio de férias a um só dos seus dez tradutores, esse tradutor foi León.

É verdade que nos últimos tempos demonstrava uma curiosa aversão, uma fobia, a determinado tipo de obras – aquelas de que no início mais gostava – e até um inconfessado (e risível) desejo de influir na política editorial da Casa. Mas até este último capricho ficava por cumprir: passar da ficção científica para a Série Jalones del Tiempo. Um passo sem dúvida arriscado para um homem de cultura modesta, feita aos trambolhões, cheia de lacunas e de preconceitos.

Subi a correr até ao quarto, abri o livro de capas duras, com essas páginas de aromático papel que nos cantos se tornavam uma pasta branquíssima, um creme sólido. Lembra-se daquele livro? Não, é improvável, mas em mim ficou gravada para sempre a frase inicial: “Este, disse Don O’Hangit, é o caso de um tipo que foi levado a dar uma volta. Estava no banco da frente de um carro de qualquer tipo, alguém do banco traseiro deu-lhe um tiro na parte posterior da cabeça e empurraram-no em Morningside Park...”

Sim, admito que hoje soa um bocado parvo. O próprio romance (aquele do actor de cinema que mata uma mulher que descobrira a sua impotência) parece bastante fraco, passados todos estes anos.

Nada bastou, era evidente. León não conseguiu compreender a sua verdadeira posição dentro da Casa: o tradutor policial mais bem pago, mais considerado, a quem nunca reduziram o trabalho nem sequer nos momentos mais difíceis, quando alguns pensaram que toda a indústria editorial caía por terra.

Otero não tinha visto chegar os homens de branco que conversam lá fora com dois inquilinos, a maca apoiada no muro avermelhado do pátio, borrifado de chuvas e de sóis e de roupa estendida a secar. O funcionário das mãos às costas espreita o nariz no quarto e anuncia, como uma confidência em voz baixa:

- Está a chegar,

O facto é que a minha vida mudou desde esse dia. Sem pensar duas vezes, deixei a recauchutagem, soltei todas as amarras. O patrão, que me conhecia desde miúdo, não queria acreditar. Disse-lhes que ia para o interior, era difícil explicar-lhes que deixava de ser um operário, de colar rectângulos de borracha às pinceladas.

Nunca, nunca lhes tinha falado das noites passadas na Academia Pitman, mês após mês, ano após ano. Por que escolhi inglês em vez de taquigrafia ou contabilidade? Não sei, é o destino. Quando penso o quanto me custou aprender, deduzo que não tenho qualquer queda para as línguas, e isso dá-me uma secreta satisfação, quero dizer que devo tudo a mim próprio, com a ajuda da Casa, claro.

que é a forma verbal do comissário.

Confrontado com essa iminência, Otero viu de repente as coisas mais claras. O suicídio de León não era um acto de grandeza ou um impulso inconsciente. Era a fuga de um medíocre, um símbolo da desordem dos tempos. O ressentimento e a falta de responsabilidade habitam em todos, só um fraco os exercia assim. Os demais travavam, destruíam, atacavam a ordem, questionavam os valores. A hostilidade que León voltou contra si próprio: essa era a doença metafísica que corroía o país e os homens feitos para construir achavam cada vez mais difícil enfrentá-la.

Nunca mais os vi. Ainda hoje, quando passo pela calle Rioja, faço um desvio para não os encontrar, como se tivesse que justificar aquela mentira. Por vezes sinto pena do Sr. Lautaro, que fez de verdadeiro pai para mim, o que não significa que me pagasse bem, mas que gostava de mim e quase nunca berrava comigo. Mas sair daquele sítio foi um progresso em todos os sentidos.

Tenho que falar do fervor, do fanatismo quase com que traduzi aquele livro? Levantava-me cedíssimo e não parava até ser chamado para comer. Pela manhã trabalhava em rascunhos e acalmava-me com a certeza de que, se fosse necessário, podia fazer dois, três, dez rascunhos; de que nenhuma palavra era definitiva. Nas margens ia apontando possíveis variantes de cada passagem duvidosa. Pela tarde corrigia e passava a limpo.

É inútil que Otero continue a procurar. Não quer reconhecer-se culpado de qualquer omissão, desdém, negligência. E no entanto é culpado, nos piores termos, nos termos em que sempre o recrimina Laura: demasiado bom, demasiado brando.

Encurralado por fim, contorce-se, defende-se, responde. Não é que seja bom, é que não teve que esperar que se inventassem as relações humanas para dar o trato que merece a gente que trabalha, que é no fim de contas a que faz aquilo que pode existir de grandeza no país, na Casa.

Já nessa altura começou a minha relação com o dicionário, que então era novo em folha e limpo com a sua sobrecoberta de papel madeira:

- Mr. Appleton, que significa scion?

- Vergóntea.

- E cruor?

Irritado:

- Cruor quer dizer cruor!

Enfim, que até as palavras mais simples lhe consultava, ainda que estivesse certo do seu significado. Tanto medo tinha de fazer erros... Esse romance de Dorothy Pritchett, essa, sejamos honestos, péssima noveleta que se vendia nas bancas por cinco pesos, traduzi-o palavra a palavra. Devo dizer que nessa altura não me parecia péssimo, pelo contrário: a cada momento encontrava nele novas profundezas de sentido, maiores subtilezas na acção.

Mas com León errou, Otero? Sim, com León errei, devia ter intervindo, aconselhá-lo a tempo, não deixar que seguisse nesse rumo. A aceitação rebenta num suspiro final e já León vai deixando de se mexer nas palmeiras de papel, as evidências do seu ofício terreno, os saturados circuitos da memória. São horas, enfim, de sentir por ele um pouco de piedade, de recordar o magro que era e humilde de origem e então a velha espantada ouve-o dizer:

- Demais.

Cheguei ao ponto de me convencer de que a Sra. Pritchett era uma grande escritora, não tão grande como Ellery Queen ou Dickson Carr (porque agora eu lia apaixonadamente a melhor literatura policial, que o senhor me recomendava), mas estava no caminho certo.

Quando a tradução ficou pronta, voltei a corrigi-la e a passá-la a limpo pela segunda vez. Esse método explica porque demorei quarenta dias, embora trabalhasse doze horas por dia e, até mais, porque mesmo a dormir acordava, às vezes, para apanhar alguém que dentro da minha cabeça sugeria variações de um tempo verbal ou de uma concordância, fundia duas frases numa, gozava com zombadoras cacofonias, aliterações, inversões de sentido. Todas as minhas capacidades se centravam nessa tarefa, que era mais do que uma simples tradução, era – soube-o muito depois – a transformação de um homem num outro homem.

Quando o comissário chegou, não teve sequer de olhar para as coisas do quarto. As coisas pareciam olhar para ele nessa fracção de segundo em que tudo ficou abrangido, catalogado, compreendido. Também não foi preciso que se apresentasse, o sobretudo azul, o chapéu cinzento, a larga cara e o largo bigode. Simplesmente abriu a mão à altura da anca e Otero estendeu a sua.

- Esperou muito?

O que tem de estranho que esse trabalho fosse finalmente contrafeito, pretensioso, esclerosado pela aspiração de levar a exactidão ao próprio cerne de cada palavra? Eu não conseguia vê-lo, estava encantado e até tinha decorado parágrafos inteiros.

Tremia e suave no dia em que levei o manuscrito. O meu destino estava nas suas mãos. Se o senhor rejeitava o trabalho, esperava-me a recauchutagem. Nos meus devaneios, fantasiava que o senhor leria logo o romance, enquanto eu esperava o tempo que fosse preciso. Mas, só lhe deu uma vista de olhos e colocou-a dentro da secretária.

- Volte daqui a uma semana – disse.

Que semana intolerável! Passava sem escalas da esperança mais desvairada à mais completa abjecção do ânimo.

- Mr. Appleton, o que significa utter dejection?

- Significa melancolia, significa abatimento, significa desalento.

- Não – disse Otero.

O comissário tinha acabado de se barbear e talvez de se levantar. Sob a pele escura transluzia um cor-de-rosa de saúde e embora os três passos que deu na direcção da cama e do morto fossem rápidos e precisos, no respirado ar do quarto ficou um vestígio de cansaço, de tédio, de coisa já vista e sabida.

Voltei. O senhor folheava pausadamente o manuscrito sentado à secretária. Espreitei com um sobressalto as copiosas correcções em tinta verde. O senhor não falava. Devo ter ficado pálido porque, de repente, sorriu.

- Não se assuste – disse, enquanto me dava o molho de páginas novamente em ordem. - Pode usar essa mesa. Analise as correcções.

Eram quase todas justas, algumas indiferentes, outras poucas achei discutíveis. Com o sangue subindo-me à cara, aprendi que actual não quer dizer actual mas verdadeiro (Sorry, Mr. Appleton). Mas o que mais me humilhou foi ver riscada a meia centena de notas de rodapé com que a minha ansiedade tinha apunhalado o texto. Ali mesmo renunciei para sempre a esse recurso abominável.

Apesar de tudo, o senhor viu em mim possibilidades que ninguém tinha vislumbrado. Por isso aceitei sem ressentimentos aquela admoção final que, noutras circunstâncias, me teriam feito chorar:

- Tem que trabalhar mais.

A mão do comissário pegou numa ponta do lençol e com um só movimento descobriu o corpo pequeno, azulado e nu. A dona Berta não desviou o olhar, talvez porque já o tinha visto assim quando vinha despertá-lo em dias de Verão, talvez porque no seu mundo sem esperança e sem sexo estava para além de pequenos pudores.

O senhor assinou a ordem de pagamento: 220 páginas a dois pesos cada. Menos do que ganhava por quarenta dias de trabalho na recauchutagem, mas era o primeiro fruto de uma tarefa intelectual, o símbolo da minha transformação. À saída levava sob o braço o meu segundo livro.

- Unspeakable joy, Mr. Appleton?

- Essa alegria que você sente.

Trezentos pesos foram-se na renda da pensão. Cem, na segunda prestação da Remington. Submergi-me com frenesim em Forty Whacks, essa história da velha que é morta à machadada na praia, lembra-se? Senti-me feliz quando na página 60 adivinhei quem era o assassino. Nunca lia antecipadamente o livro que traduzia: assim participava na tensão criada, assumia uma parte do autor e o meu trabalho podia ter um mínimo de, chamemos-lhe assim, inspiração. Demorei menos cinco dias e o senhor teve que admitir que tinha assimilado as suas lições. É verdade que o ofício só se constrói ao longo de anos e anos e anos de trabalho constante. Progride-se imperceptivelmente, como se fosse um crescimento do cotilédone à Arvore de Natal.

Otero encontrava-se por fim com aquilo de que tinha estado à espera e tentou aguentar-se firme. Quando quis olhar para outra parte, tropeçou na cara do comissário.

- Conhecia-o?

Otero engoliu saliva.

Comparando uma página de hoje com outra, de há um mês, não se nota a diferença, mas se nos medirmos com aquele de há um ano atrás, exclamamos com espanto: Esse caminho percorri-o eu!

Claro que havia mudanças mais importantes. As minhas mãos, por exemplo, perderam calosidades, ficaram mais pequenas, mais limpas. Quero dizer que era mais fácil lavá-las, não havia que lutar contra esse resíduo de ácidos e crostas e marcas de ferramentas. Sempre fui franzino, mas tornei-me mais fino e delicado.

Com o meu quinto livro (El misal sangriento), abandonei o segundo rascunho e ganhei mais cinco dias. O senhor começava a estar satisfeito comigo, embora o disfarçasse por essa espécie de pudor que nasce da melhor amizade, delicadeza que sempre admirei em si. Da minha parte, ainda não tinha atingido o ordenado da recauchutagem, mas estava cada vez mais perto.

Entretanto, aconteceu algo extraordinário. Uma manhã o senhor esperava-me com um sorriso especial e a luz que entrava pela janela nimbava-o, dava-lhe uma auréola paternal.

- Tenho algo para si – disse.

- Sim – respondeu.

O comissário cobriu o cadáver e o caminho ficou aberto para frases de ocasião que ninguém ensaiou, consolações que já estavam ditas, gestos de supérflua memória.

Soube logo o que era, enquanto fingia o mesmo entusiasmo que sentia, que iria sentir quando o senhor metesse a mão na gaveta da secretária e com três movimentos que pareciam ensaiados, pusesse perante mim a deslumbrante capa de cartão vermelho de Luna mortal, a minha primeira obra, quero dizer a minha primeira tradução. Peguei nela como se fosse um objecto sagrado.

- Olhe para dentro – disse.

- E lá dentro, esse relâmpago:

Versão castelhana

de L.D.S.

que era eu, resumido e em tipo 6, mas eu, León de Sanctis, cujo nome o linótipo tinha estampado uma vez e a impressora repetido dez mil vezes como dez mil vezes repicam os sinos num dia de festa e de folia, eu, eu... Desci à loja. Cinco exemplares custaram 15 pesos já com o desconto: tinha a necessidade de mostrar, oferecer, dedicar. Um foi para o senhor. Essa noite comprei uma garrafa de aguardente e pela primeira vez na vida embebedei-me enquanto lia em voz alta os trechos mais dramáticos de Luna mortal. Na manhã seguinte não conseguia lembrar-me em que momento tinha dedicado um exemplar “à minha mãezinha”.

León tinha deixado de se mexer. A mola tinha disparado, a cortina estava fechada, a imagem pronta para o arquivo. Era uma imagem triste, mas tinha uma serenidade que lhe faltou em vida.

A minha situação foi melhorando aos poucos. De um quarto de três pessoas, passei para um de duas. Mas não faltavam dificuldades. Aos outros incomodava o barulho da máquina, especialmente à noite. Eram e são, como talvez repare, na sua maioria operários. Nunca fiz amizade com eles: lembravam-me o meu passado e suponho que olhavam para mim com inveja.

Em Maio de 1956 consegui traduzir em quinze dias um romance de 300 páginas. O preço tinha subido para os seis pesos por página. Infelizmente, a pensão também tinha triplicado. As boas intenções da Casa sempre foram contrariadas pela inflação, a demagogia e as revoluções.

Mas eu era novo e estava cheio de entusiasmo. Todos os meses aparecia um dos meus livros e o meu nome de tradutor agora figurava por inteiro. Quando saí pela primeira vez num suplemento de La Prensa, a minha alegria foi total. Conservo ainda esse recorte e os muitos que se seguiram. De acordo com esses testemunhos, as minhas versões têm sido correctas, boas, fiéis, excelentes e numa oportunidade, magnífica. Também é verdade que noutras ocasiões nem se lembraram de mim, ou me apelidaram de irregular, inconstante e indecoroso, segundo os vaivéns temperamentais da crítica.

Otero despediu-se para ir embora. No último momento lembrou-se do envelope no bolso.

- Há uma carta – disse. – Às tantas o senhor...

Deverei confessar que entrei no jogo da vaidade? Comparava-me com outros tradutores, lia-os com desconfiança, investigava as suas idades, o número de obras. Recordo-me dos seus nomes: Mario Calé, M. Alinari, Aurora Bernárdez. Se eram piores do que eu, rejeitava-os para sempre. Os outros, prometia a mim próprio superá-los, com tempo, paciência. Por vezes a minha fantasia levava-me para longe: sonhava com alcançar Ricardo Baeza, ainda que cultivássemos géneros diferentes, mas no fim resignei-me a deixá-lo só na sua velha glória. Começava a ler outras coisas. Descobri Coleridge, Keats, Shakespeare. Talvez nunca os tenha compreendido totalmente, mas algumas linhas ficaram gravadas em mim para sempre:

The blood is hot that must be cooled for this.

Ou então

The very music of the name has gone.

Quando lbe pedi para me dar uma oportunidade noutras coleções da Casa, o senhor recusou: é mais difícil traduzir romances policiais do que obras científicas ou histórias, ainda que se pague pior. O implícito elogio nessa reflexão consolou-me algum tempo. A mudança produzida nesses quatro anos era já espectacular, definitiva. Umas persistentes dores de cabeça levaram-me ao oftalmologista. Ao ver-me com óculos, pensei com insistência na recauchutagem do Sr. Lautaro.

Mas ao comissário bastava-lhe a que o defunto León de Sanctis tinha escrito e assinado para o juiz.

A maior transformação era interior, contudo. Uma indolência, uma moleza invadiam-me insidiosamente. Eu próprio não podia vê-lo de um dia para o outro, pausado como o tédio da areia a cair nesses relógios antigos. Não somos horrendos relógios que sofrem com o tempo? À minha volta ninguém podia compreender a verdadeira natureza do meu trabalho. Tinha atingido essa habilidade que me permitia traduzir cinco páginas por hora, quatro horas diárias chegavam para subsistir. Achavam-me confortável, privilegiado, eles que operavam gruas, amassadeiras, tornos. Ignoravam o que é sentir-se habitado por um outro, que é frequentemente um imbecil: só agora me atrevo a pensar nessa palavra; emprestar a mente a um estranho e recuperá-la quando está gasta, vazia, sem uma só ideia, inútil para o resto do dia. Eles emprestavam as mãos, eu alugava a alma. Os chineses têm uma expressão curiosa para designar um criado. Chamam-no Yung-jen, homem usado. Estou a queixar-me? Não. O senhor favoreceu-me sempre com a sua ajuda, a Casa nunca cometeu uma única injustiça comigo.

A culpa devia estar em mim, nessa mórbida tendência para a solidão que tenho desde miúdo, aumentada quiçá pelo facto de não ter conhecido os meus pais, pela minha fealdade, pela minha timidez. E aqui toco num ponto doloroso, o da minha relação com as mulheres.

- Essa é sua – disse.

Acho que me vêem horrível e tenho medo de ser rejeitado. Não me aproximo delas e dessa forma passam-se os meses – os anos – de abstinência, a desejá-las e detestá-las. Sou capaz de andar atrás de uma rapariga quarteirões inteiros, a ganhar coragem para lhe dizer qualquer coisa, mas quando a alcanço, passo à frente baixando a cabeça. Uma vez decidi-me, estava desesperado. Ela virou-se (não esqueço a sua cara) e disse-me apenas “Idiota”. Nem sequer era bonita, não era ninguém, mas podia chamar-me idiota. Há três anos conheci a Célia. A chuva juntou-nos uma noite num portal. Foi ela quem falou. É ridículo, mas em cinco minutos apaixonei-me. Quando parou de chover trouxe-a para o meu quarto e no dia seguinte tratei de tudo para que ficasse. Por uma semana correu tudo bem. Depois aborrecen-se, enganava-me com qualquer um na própria pensão. Um dia foi embora sem me dizer nada. Essa é a coisa mais parecida com o amor que conheço.

Muitas vezes discuti com o senhor se foi a queda do peronismo que acabou com o entusiasmo pelos romances policiais. Quantas boas coleções! Rastros, Evasión, Naranja: esmagadas pela ficção científica. A Casa foi como sempre bem advertida e criou a Serie Andrómeda. Os nossos deuses agora chamavam-se Sturgeon, Clark, Bradbury. No início o meu interesse reanimou. Depois voltou ao mesmo. Enquanto passeava pelas paisagens de Ganimedes ou avistava a Mancha Vermelha de Júpiter, via o espectro sem cores do meu quarto.

Não sei em que momento comecei a distrair-me, a saltar palavras, depois frases. Resolvia qualquer dificuldade omitindo-a. Um dia perdi uma folha de um romance de Asimov. Sabe o que é que fiz? Inventei-a do princípio ao fim. Ninguém deu conta. A partir daí tive a fantasia de que eu próprio podia escrever. O senhor dissuadiu-me, e com razão. Fiz a conta do tempo que tardaria a escrever um romance e quanto iria receber por ele: estava melhor como tradutor. Depois fiz batota deliberadamente. As minhas páginas tinham cada vez mais espaços em branco, menos linhas, já nem me dava ao trabalho de as corrigir. De um canto, Mr. Appleton olhava para mim tristemente. Agora quase nunca o consultava.

- What is the metre of the dictionary?

- Isso não é uma pergunta.

Aqui talvez o senhor espere uma revelação bombástica, algo que justifique o que vou fazer quando acabar esta carta. Ora bem, isto é tudo. Estou só, estou cansado, não presto para ninguém e aquilo que faço também não presta. Vivi para perpetuar em castelhano a linhagem essencial dos imbecis, o cromossoma específico da estupidez. Em mais do que um sentido, estou pior agora do que no início. Tenho um fato e um par de sapatos, tal como nessa altura, e mais doze anos. Nesse tempo traduzi para a Casa cento e trinta livros de 80.000 palavras a seis letras a palavra. São sessenta milhões de batimentos nas teclas. Agora compreendo que o teclado esteja gasto, cada tecla consumida, cada letra apagada. Sessenta milhões de batimentos é demais, até para uma boa Remington. Olho para os meus dedos com espanto.